

Educação higiênica em Portugal e na América portuguesa no século XVIII

Eduardo Traversa (*)

(*) orcid.org/0000-0002-5634-8861. São Paulo. etraversa@yahoo.com

Dynamis
[0211-9536] 2025; 45 (2): 375-402
<http://dx.doi.org/10.30827/dynamis.v45i2.35249>

Fecha de recepción: 7 de enero de 2025
Fecha de aceptación: 8 de mayo de 2025

SUMÁRIO: 1.—Introdução. 2.—Livros impressos e a circulação do conhecimento. 3.—A limpeza corporal em Portugal e na América portuguesa durante o Setecentos. 3.1.—A contribuição do *Tratado da conservação da saúde dos povos*. 3.2.—Os saberes sobre os banhos em outros livros. 3.3.—Práticas de higiene pessoal. 4.—Considerações finais.

RESUMO: O presente texto tem como objetivo o estudo analítico das ideias e práticas sobre educação higiênica que circularam em Portugal e na América portuguesa no século XVIII, com um recorte centrado no tema da higiene pessoal. A partir de um questionamento do imaginário de uma população tida como carente de hábitos higiênicos, procurou-se então realizar um estudo analítico de fontes históricas relevantes, tais como o *Tratado da conservação da saúde dos povos*, de António Nunes Ribeiro Sanches, integrando-o a dados relativos à higiene em geral. Partiu-se do pressuposto que o conhecimento circulava por meio de livros impressos e na língua vernácula, ao mesmo tempo que ocorria a movimentação de pessoas e de materiais. Verificou-se que já havia um interesse pelo tema do asseio corporal no século XVIII, evidenciado pela publicação e circulação de livros, bem como por suas práticas. Esta pesquisa soma-se a outros estudos sobre saúde e higiene, oferecendo por sua vez um recorte centrado no tema da higiene pessoal em um contexto do século XVIII, período importante que anuncia um caminho para as práticas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: circulação do conhecimento, higiene, Império Português, medicina, século XVIII.

KEYWORDS: circulation of knowledge, hygiene, Portuguese Empire, medicine, 18th century.

1. Introdução (*)

Em 1818, na Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, faleceu Antônio José Vieira de Carvalho. Natural da vila de Nossa Senhora de Assunção de Atalaia, Portugal, fora examinado em Lisboa, em 1778, recebendo a carta de cirurgia e exercera a função de cirurgião-mor do Regimento de Cavalaria de Linha de Minas Gerais. No quartel do falecido, foram avaliados os seus bens móveis e semoventes, entre os quais se encontra um legado de livros relacionados com a sua profissão.

O presente estudo identificou que algumas das obras do século XVIII do seu inventário tratam, em particular, do tema da limpeza corporal. Já foram explorados os saberes que circularam na língua vernácula por meio dos livros sobre os cosméticos, ou seja, sobre as preparações destinadas ao embelezamento físico de uma pessoa¹. O presente texto tem como objetivo o estudo analítico das ideias e práticas sobre educação higiênica que circularam em Portugal e na América portuguesa no século XVIII, com um recorte centrado no tema da higiene pessoal.

A falta de higiene foi uma característica atribuída aos portugueses, a partir do século XV, por viajantes, comerciantes e religiosos vindos da Europa do Norte — Inglaterra, França e Alemanha². O escritor Robert Southey, que visitou Portugal pela primeira vez em 1796, indicou a falta de hábitos higiênicos³ e, em Lisboa, foram relatados somente dois estabelecimentos de banho abertos à população na freguesia de São Miguel de Alfama⁴. As características dos povos nativos das colônias portuguesas, que iam da falta de higiene à ignorância, foram também sendo construídas pelos próprios portugueses⁵. Apesar das alusões à falta de asseio, este artigo mostra que havia uma preocupação com a limpeza corporal em Portugal e na América portuguesa, contrapondo assim aquelas assertivas.

-
- (*) Esse texto é fruto da minha pesquisa particular e da tese que defendi na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com acréscimos e modificações.
1. Eduardo Traversa, "Saberes sobre cosméticos em vernáculo português do século XVIII," *Revista Brasileira de História* 44, no. 96 (2024): e279813, <https://doi.org/10.1590/1806-93472024v44n96-05>
 2. Boaventura de Sousa Santos, "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade," *Novos Estudos Cebrap*, no. 66 (2023): 23-52, <http://bit.ly/4aHnQt8>
 3. Maria Zulmira Castanheira, "Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 5 (1996): 59-122, <https://bit.ly/47h0982>
 4. Nuno Luís Monteiro Madureira, "Inventários: aspectos do consumo e da vida material em Lisboa nos finais do Antigo Regime" (Dissertação, Universidade Nova de Lisboa, 1989), <https://bit.ly/3TGGg6Y>
 5. Santos, "Entre Próspero e Caliban."

Partiu-se do pressuposto que o conhecimento circulava ao mesmo tempo que ocorria a movimentação de pessoas e de materiais. No século XV, os livros impressos passaram a desempenhar um papel fundamental na circulação do conhecimento. Eles representaram uma nova versão dos antigos manuscritos, deixando de ser restritos ao âmbito doméstico e alcançando o domínio público. Essa transformação tornou-os um verdadeiro fenômeno de massa, contribuindo para a ampla circulação de ideias e saberes.

Quando os livros aparecem nos bens inventariados das propriedades na América portuguesa, não é possível afirmar que foram lidos, mas é possível notar a circulação das obras. Além de os livros estarem disponíveis para o comércio, ou para a leitura pelo proprietário, já se aventou a prática do empréstimo como uma das formas de circulação⁶. Com relação aos livros técnicos, talvez as pessoas guardassem-nos devido à sua utilidade, ou então pelo seu valor. Esses livros profissionais, muitas vezes, tinham custo elevado, com preços acima de mil-réis.

Com relação à movimentação de pessoas, as reduzidas capacidades demográficas da metrópole — cerca de um milhão de pessoas no início do século XV e quase três milhões no fim do século XVIII — não impediram uma constante emigração portuguesa, estimada entre mil e duas mil pessoas por ano durante o século XV, entre duas mil e cinco mil por ano durante o século XVI, entre três mil e seis mil durante o século XVII e entre oito mil e dez mil durante o século XVIII⁷.

A América portuguesa foi o único exemplo de ocupação territorial sustentada de uma colônia portuguesa durante o longo período do século XVI ao século XVIII⁸. Durante o século XVIII, a América portuguesa configurou-se como o principal destino da emigração oriunda da metrópole e das ilhas adjacentes⁹: entre trezentos mil e seiscientos mil indivíduos teriam deixado o território português em direção à colônia. No intervalo compreendido entre

6. Maria Aparecida de Menezes Borrego, "Entre as fazendas da loja e os trastes da casa: os livros de agentes mercantis em São Paulo setecentista," in *O Império por escrito: formas de transmissão da cultura lettrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)*, ed. Leila Mezan Algranti and Ana Paula Torres Megiani (Alameda, 2009), 229-253.

7. Francisco Bethencourt and Diogo Ramada Curto, "Introdução," in *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, 1-18, trans. Miguel Mata (Edições 70, 2020).

8. Bethencourt and Curto, "Introdução."

9. Vitorino Magalhães Godinho, *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa* (Edições 70, 2019), A. J. R. Russell-Wood, "A emigração: fluxos e destinos," in *O Brasil na Balança do Império (1697-1808)*, ed. Francisco Bethencourt and Kirti Chaudhuri (Círculo de Leitores, 1998), 158-168.

1697 e 1808, esse fluxo pode ter envolvido até um sexto da população do reino, atingindo um quinto no auge da busca pelo ouro¹⁰.

Além disso, a América portuguesa converteu-se no maior importador de escravos no Novo Mundo; entre 1701 e 1800, estima-se que foram 1.700,3 milhares de indivíduos desembarcados¹¹. A população colonial na América portuguesa cresceu de um milhão, em 1636, para dois milhões em 1732 e três milhões em 1801¹².

Considerando o fluxo de materiais, os portugueses desempenharam um papel ativo no comércio mundial de mercadorias, predominantemente por meio de rotas marítimas que abrangiam o oceano Atlântico, o golfo da Guiné, o Mediterrâneo, o mar do Norte, o Báltico, o mar Arábico, o oceano Índico, o golfo Pérsico, a baía de Bengala, o mar da China, o mar do Japão e o oceano Pacífico. Na América portuguesa foram estabelecidas redes terrestres e fluviais para a distribuição dos materiais.

O movimento de objetos relacionados à higiene pessoal também era multicontinental e conhecido desde o século XV. Nos anos 1450, os navios portugueses haviam transportado bacias de barbear para a região conhecida por Senegâmbia. Entre 2 de maio de 1528 e 31 de agosto de 1531, 11.891 bacias de barbeiro e, entre 27 de março de 1561 e 12 de setembro de 1562, 51.798 bacias de urinar foram recebidas pelas feitorias de São Jorge vindas de Flandres e da Alemanha¹³.

2. Livros impressos e a circulação do conhecimento

Autores e leitores põem em circulação saberes para o uso geral. Na América portuguesa, os livros permaneceram na forma de manuscrito ou foram publicados na Europa até a chegada de um prelo permanente em 1808¹⁴. De acordo com Serafim Leite, houve uma tipografia em Recife nos princípios do

10. Russell-Wood, "A emigração"

11. Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul* (Companhia das Letras, 2000).

12. David Birmingham, *História concisa de Portugal*, trans. Daniel M. Miranda (EDIPRO, 2015).

13. A. J. R. Russell-Wood, *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*, trans. Vanda Anastácio (Difel, 1998).

14. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, trans. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza (Editora da Universidade de São Paulo, 2017).

século XVIII, que imprimiu letras de câmbio, orações e estampas religiosas, mas fechada por ordem régia em 1706¹⁵. Segundo Laurence Hallewell, em decorrência do apoio do governador Gomes Freire de Andrade, António Isidoro da Fonseca havia mudado a sua editora de Lisboa para o Rio de Janeiro e fundado a primeira imprensa do Brasil¹⁶. Em 1747, ordens de Lisboa forçaram ao encerramento do prelo depois da publicação de alguns folhetos¹⁷.

Pouco antes do terremoto de 1755, Lisboa tinha apenas dez tipografias — Londres possuía 128, treze vezes mais para uma população apenas quatro vezes maior¹⁸. Após as reparações das consequências mais graves do terremoto, Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro marquês de Pombal, criava em 1768 a Impressão Régia ou a Régia Oficina Tipográfica para promover a instrução popular. Em 1773, concedeu-se o privilégio exclusivo da impressão das ordenações do reino à Universidade de Coimbra, até então entregues ao Real Mosteiro de São Vicente de Fora e que fora extinto¹⁹.

Os livros podiam ser adquiridos com os mais importantes livreiros em Lisboa, em Coimbra, no Porto²⁰. De acordo com as observações do primeiro conde Macartney — que, em 1792, passou duas semanas no Rio de Janeiro a caminho da China, onde iria chefiar a primeira missão diplomática da Grã-Bretanha — havia apenas duas livrarias na capital da América portuguesa²¹.

-
15. Serafim Leite, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)* (Edições Brotéria; Livros de Portugal, 1953).
 16. Hallewell, *O Livro no Brasil*.
 17. Hallewell, *O Livro no Brasil*, A. J. R. Russell-Wood, "Governantes e agentes," in *O Brasil na Balança do Império (1697-1808)*, ed. Francisco Bethencourt and Kirti Chaudhuri (Círculo de Leitores, 1998), 169-192, Fernanda Veríssimo, *A Impressão nas Missões Jesuítas do Paraguai: Século XVIII* (Editora da Universidade de São Paulo; Publicações Biblioteca Brasiliiana Guita e José Mindlin, 2022).
 18. Hallewell, *O Livro no Brasil*.
 19. Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a História Contemporânea* (Imprensa da Universidade, 1868), Hallewell, *O Livro no Brasil*, n. 14, Ana Luísa Marques, "Trajectos do livro. O seu renascimento no século XVIII," *Arte Teoria: Revista do Mestrado em Teorias da Arte*, no. 5 (2004): 111-125, <https://bit.ly/48ASmTn>, Ana Luísa dos Santos Marques, "Arte, ciência e história no livro português do século XVIII" (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2015), <https://bit.ly/3tq94pS>
 20. Nireu Oliveira Cavalcanti, "A livraria do Teixeira e a circulação de livros na cidade do Rio de Janeiro, em 1794," *Acervo* 8, no. 1-2 (1995): 183-194, <https://bit.ly/3GZXPr1>, Meneses, José Newton Coelho, "Saberes úteis para a educação dos povos: livros de agricultura e a circulação de textos técnicos em Minas Gerais," in *História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República, volume 1, Colônia* ed. Thais Nívia de Lima e Fonseca (Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2019), 153-178, <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-7078-486-5>
 21. Hallewell, *O Livro no Brasil*.

Havia, no entanto, uma importação regular e em quantidades consideráveis de livros para a América portuguesa. Parte desse fluxo se dava por meio de contrabando realizado por ingleses, franceses e holandeses. Além disso, alguns livros poderiam ter sido trazidos na bagagem de viajantes, especialmente daqueles que retornavam de estudos realizados na Europa²².

Cabe lembrar que as circunstâncias encontradas em Portugal e na colônia pouco ajudaram o consumo de livros²³. Mas se verifica que a leitura em voz alta era um modo pelo qual os conteúdos da cultura letrada permeavam-se entre os que não sabiam ler²⁴ e a distribuição heterogênea dos leitores permitiu um acesso generalizado aos textos que circularam no interior de diferentes estratos sociais²⁵.

No tocante à medicina, nota-se um grande número de publicações pela criação das academias científicas, pelo aparecimento do jornalismo médico, ao mesmo tempo em que ocorrem as reformas introduzidas no ensino cirúrgico em Lisboa e no ensino médico em Coimbra. Com relação à higiene, não são numerosos os trabalhos publicados no século XVIII, mas o merecimento notável de alguns supre a deficiência do número. Segundo Maximiano Lemos, entre os médicos portugueses do século XVIII destaca-se António Nunes Ribeiro Sanches, cujos trabalhos de higiene são certamente os mais notáveis²⁶.

Em junho de 1761, o médico suíço Samuel-Auguste Tissot havia publicado, em francês, um breve texto sobre o método para reanimar pessoas afogadas. Em agosto, o texto apareceu como um capítulo da primeira edição

-
22. Hallewell, *O Livro no Brasil*, Márcia Abreu, "Quem lia no Brasil colonial?", in *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (Intercom, 2001), <http://bit.ly/4ay0NRn>.
 23. Diogo Ramada Curto, *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, Hallewell, *O Livro no Brasil*, Luiz Carlos Villalta, "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura," in *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, ed. Laura de Mello e Souza (Companhia de Bolso, 2018).
 24. Fernando Bouza, "Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII," trans. Angela Barreto Xavier, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias* 14 (2002): 105-171, Maria Beatriz Nizza da Silva, "História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas," in *Leitura, história e história da leitura*, ed. Márcia Abreu (Mercado de Letras, 2002), 147-164, José Carlos Vilardaga, "Os brutos também leem: livros e leitores na São Paulo do período filipino (1580-1640)," in *O Brasil na monarquia hispânica (1580-1668): novas interpretações*, ed. Ana Paula Torres Megiani, José Manuel Santos Pérez and Kalina Vanderlei Silva (Humanitas, 2016), 113-143.
 25. João Luís Lisboa, and Tiago C. P. dos Reis Miranda, "A cultura escrita nos espaços privados," in *História da vida privada em Portugal: A Idade Moderna*, ed. by Nuno Gonçalo Monteiro (Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011), 334-394.
 26. Maximiano Lemos, *História da medicina em Portugal: doutrinas e instituições* (Lisboa, 1899).

daquele que se tornaria o seu livro mais célebre e seria descrito como o maior best-seller do século, *Avis au peuple sur sa santé*²⁷. A obra foi traduzida nas principais línguas europeias e em português a partir de 1773, ganhando edições do médico português Manoel Joaquim Henriques de Paiva, que viveu na América portuguesa.

Tais livros foram elaborados para fornecer materiais adequados para educação e prevenção de saúde. Dado o valor positivo da saúde promovido pelo Iluminismo, a medicina, interpretada de forma ampla, precisava fazer parte da educação geral pensada para todos. Esse aprendizado garantiria a saúde, prolongaria a vida e, no caso das crianças, facilitaria sua educação em casa e evitaria doenças ou morte²⁸.

A reflexão deste artigo inicia-se com a obra mais relevante na área da higiene, o *Tratado da conservação da saúde dos povos*, de António Nunes Ribeiro Sanches. São utilizadas ainda outras fontes da época: *Matéria médica...*, de autoria de «um dos espíritos mais cultos»²⁹, Jacob de Castro Sarmento; *Postila religiosa...*, de autoria do frei Diogo Santiago, a primeira obra escrita em português com ensinamentos para a realização dos cuidados de enfermagem; e *Aviso ao povo sobre a sua saúde*, tradução da obra de Tissot. Também foi consultada a obra *Vocabulário português...*, do padre oratoriano francês Rafael Bluteau, obra pioneira na lexicografia portuguesa, a fim de compreender as definições dos vocábulos da época que acompanham o tema.

3. A limpeza corporal em Portugal e na América portuguesa durante o Setecentos

3.1. A contribuição do Tratado da conservação da saúde dos povos

Em 1756, foi impressa a obra em português mais relevante na área da higiene, de autoria de António Nunes Ribeiro Sanches, intitulada *Tratado da con-*

-
27. Patrick Singy, "The Popularization of Medicine in the Eighteenth Century: Writing, Reading, and Rewriting Samuel Auguste Tissot's *Avis au peuple sur sa santé*," *The Journal of Modern History* 82, no. 4 (2010): 769-800, <https://doi.org/10.1086/656073>
 28. Guenter B. Risse, "Medicine in the age of Enlightenment," in *Medicine in Society: Historical Essays*, ed. Andrew Wear (Cambridge University Press, 2010), 149-196, <https://doi.org/10.1017/CBO9780511599682.006>
 29. Lemos, *História da medicina*, 74.

servação da saúde dos povos, a qual ganhou outra edição em 1757. Ela é representativa de uma literatura médica na qual se evidencia o pragmatismo da medicina luso-americana, afinada com a perspectiva iluminista acerca da saúde das populações³⁰.

A obra de Sanches constará no inventário dos bens móveis do cirurgião-mor da capitania de Minas Gerais, Antonio José Vieira de Carvalho³¹. O tratado também circulou na cidade do Rio de Janeiro, conforme consta no inventário do boticário Antônio Pereira Ferreira realizado em 1798³².

O autor apresentava suas pretensões: “mostrar a necessidade que tem cada Estado de leis, e de regramentos para preservar-se de muitas doenças, e conservar a saúde dos súditos”³³, demonstrando já nessa época a concepção de “coisa pública”, na qual o público é o Estado, o serviço do Estado, para diferenciar do privado, do particular. A coisa pública já não pode ser confundida com os bens ou interesses privados. Daí decorre uma distinção entre a higiene relacionada à polícia médica — a “higiene pública” — e a higiene associada à “higiene privada”³⁴.

A edição original era de 1756, impressa em Paris. Apresentava um texto de 293 páginas, dividido em 31 capítulos e um apêndice chamado *Considerações sobre os terremotos*³⁵. Teve edição corrigida em 1757 pela oficina de Joseph Filipp, em Lisboa³⁶. A portabilidade da obra — vinte centímetros de altura — e a sua sobriedade gráfica confirmam a tendência das edições de meados do Setecentos, representando uma transição entre os fólios pesados do início do século e as edições menores do final do mesmo³⁷, tendo sido autofinanciada com grande custo³⁸.

-
30. Jean Luiz Neves Abreu, *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII* (Editora Fiocruz, 2011).
 31. “Eleição de deputados da província de Minas Geraes em 1821,” *Revista do Arquivo Público Mineiro* 10, no. 3 (1905): 692-715, <https://bit.ly/3tsQuxl>
 32. Nireu Cavalcanti, *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte* (Zahar, 2004).
 33. António Ribeiro Sanches, *Tratado da conservação da saúde dos povos: Obra util, e igualmente necessária aos Magistrados, Capitaens Generais, Capitaens de Mar, e Guerra, Prelados, Abbadessas, Medicos, e Pays de Familias...* (Paris, 1756), vi, <https://bit.ly/3S1ZHGN>
 34. Ana Leonor Pereira, & João Rui Pita, “Liturgia higienista no século XIX,” *Revista de História das Ideias* 15 (1993): 437-559, <https://bit.ly/4519m1s>
 35. Sanches, *Tratado da conservação*.
 36. Lemos, *História da medicina*, Marques, “Arte, ciência e história.”
 37. Marques, “Arte, ciência e história.”
 38. Maria das Neves Gomes, “From Portugal to Russia: The Many Lives of the Eighteenth Century Physician Ribeiro Sanches,” (Mestrado, Universidade de Lisboa, 2023), <https://bit.ly/4kpcwFX>

O autor escreve sem a «elegância», o «ornato», a «majestade» da língua³⁹, a fim de que todos o pudessem entender e de que a obra fosse útil, embora reconheça que «é mais difícil introduzir uma coisa útil, do que trinta que servem de perda ao bem da sociedade»⁴⁰. Aliás, para Sanches, a medicina e a cirurgia seriam mais úteis se imitassem a arte náutica, na qual a teoria se aprende ao mesmo tempo em que se adquire a prática. Se o médico, desde o primeiro dia que entrasse nas aulas, começasse logo a visitar enfermos em um hospital e ali aprendesse a conhecer os seus males e a curá-los, enquanto aprendesse a teoria da medicina, alcançaria maiores conhecimentos na sua arte do que aqueles que só se aprendiam nas universidades.

Se o desenvolvimento da medicina em Portugal no século XVI devia-se à presença de numerosos cristãos-novos⁴¹, a medicina portuguesa do século XVIII deve o seu esplendor a António Ribeiro Sanches. Nasceu em Penamacor em 1699, estudou filosofia e medicina de 1716 a 1719 em Coimbra. Fizeram parte da rede de relações de Ribeiro Sanches na Universidade de Coimbra e que foram retomados posteriormente Policarpo de Sousa, futuro bispo de Pequim, e o poeta Francisco de Pina e Melo⁴². Foi somente em 1724 que obteve o grau de doutor em Salamanca⁴³.

António Nunes Ribeiro Sanches saiu permanentemente de Portugal, embarcando para Gênova em 1726. Trabalhou em Londres entre 1726 e 1728, visitou a Universidade de Montpellier em 1728. Nesse ano, teve alguns encontros com Jean-Baptiste Bertrand, quem primeiro aconselhou-o a aprender a doutrina de Herman Boerhaave. Sanches frequentou a Universidade de Leiden entre 1730 e 1731, tornando-se seu aluno. A admiração de Sanches tanto pelos métodos didáticos de ensino de Boerhaave quanto por sua eficiência médica é patente em suas cartas e obras. Sanches também

39. Sanches, *Tratado da conservação*, 11.

40. Sanches, *Tratado da conservação*, 121.

41. Eddy Stols, "Livros, Gravuras e Mapas Flamengos nas Rotas Portuguesas da Primeira Mundialização," in *Um Mundo sobre Papel: Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (Séculos XVI-XVIII)* ed. Werner Thomas, Eddy Stols, Iris Kantor and Júnia Furtado, trans. Gênesis Andrade (Editora da Universidade de São Paulo; Editora UFMG, 2014), 57-99.

42. Gomes, "From Portugal to Russia."

43. Lemos, *História da medicina*, Antonio José Saraiva, "L'Inquisition portugaise et les «nouveaux-chrétiens», *Annales. Économies, sociétés, civilisations* 22, no. 3 (1967): 586-589, <https://bit.ly/47o0F3P>; Fernando Augusto Machado, *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches* (Porto, 2001).

estudou com Bernhard Siegfried Albinus, Hieronymus David Gaubius e Gerard van Swieten⁴⁴.

Por recomendação do próprio Boerhaave, viajou para a Rússia, vindo a ocupar cargos importantes na corte dos czares de 1731 a 1747. Foi nomeado para São Petersburgo em 1733. No ano seguinte, foi médico do exército e, em 1740, foi médico da corte. Fixou-se em Paris a partir de 1747 e conviveu com Jean le Rond d'Alembert, Denis Diderot, George-Louis Leclerc Buffon, Nicolas Andry de Boisregard, Félix Vicq d'Azyr, Camille Falconet, Joseph-Nicolas Delisle e outros homens de ciências e de letras, ligados ao movimento da *Encyclopédie*, até seu falecimento. Teve rede de correspondência em Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, Holanda, Rússia e China⁴⁵. Integrou as Sociedades Reais de Londres e de Medicina de Paris, e a Academia Imperial de São Petersburgo, além da Academia Real das Ciências de Lisboa⁴⁶.

As obras de António Nunes Ribeiro Sanches estão entre as mais importantes que emergiram do ambiente intelectual português setecentista e que refletiram na maneira como Sebastião José de Carvalho e Melo pensava sobre os problemas ao tomar posse em 1750. Consultado por Carvalho e Melo, Ribeiro Sanches, que já em 1735 divulgara um *Plano de reforma do ensino português*, apresentou em 1763 o seu *Método para aprender e estudar a medicina*⁴⁷. Sanches defendia a intensificação da ação do Estado, particularmente em dois domínios, o da educação e o da medicina⁴⁸.

O domínio educacional não é fundamentalmente de natureza técnico-pedagógica, mas é metodológico e político⁴⁹. Isso refletia a importância da educação no século XVIII, época em que a ideia de progresso não devia ser

44. Gomes, "From Portugal to Russia."

45. Ana Cristina Araújo, *A Cultura das Luzes em Portugal: Temas e Problemas* (Livros Horizonte, 2003), <https://bit.ly/48yeOfW>; Noël Golvers, "The Jesuits in China and the Circulation of Western Books in the Sciences (17th-18th Centuries): The Medical and Pharmaceutical Sections in the SJ Libraries of Peking," *East Asian Science, Technology, and Medicine*, no. 34 (2011): 15-85, <https://bit.ly/48CwUxg>; Lemos, *História da medicina*; M. Ferreira de Mira, *História da medicina portuguesa* (Empresa Nacional de Publicidade, 1947); Roy Porter, and Georges Vigarello, "Corpo, saúde e doenças," in *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, ed. Georges Vigarello, trans. Lúcia M. E. Orth (Vozes, 2012), 441-486.

46. Machado, *Educação e Cidadania*.

47. Lycurgo de Castro Santos Filho, *História geral da medicina brasileira* (Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, 1991).

48. Carlota Boto, "A educação no debate iluminista," in *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa* ed. Carlota Boto (Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996), 21-69.

49. Machado, *Educação e Cidadania*.

dissociada de uma prática de transmissão eficaz do saber⁵⁰. Na França, surgiu o programa da *Encyclopédie*, em defesa de uma educação útil à sociedade e ao Estado.

Se, como filósofo, as preocupações de Ribeiro Sanches inscrevem-no na órbita do enciclopedismo francês, como médico, a sua formação é tributária do mecanicismo fisiológico da escola de Leiden — Herman Boerhaave, Bernhard Siegfried Albinus e Albrecht von Haller⁵¹. E ninguém ofereceu maior contribuição na medicina do século XVIII do que o médico Herman Boerhaave, continuador em linha reta da escola de Sydenham⁵².

O maior professor de medicina de seu tempo propôs que os sistemas físicos do corpo compreendem um todo equilibrado, integrado, no qual as pressões e fluxos líquidos são nivelados e tudo encontra seu próprio equilíbrio. Rejeitando os modelos de mecanismo mais primitivos de René Descartes como grosseiros demais, Boerhaave tratava o corpo como uma rede de encanamento de tubos e vasos que continham, canalizavam e controlavam os fluidos corporais. A saúde era explicada pelo movimento dos líquidos no sistema vascular e a doença em termos de sua obstrução ou estagnação. A antiga ênfase humoral no equilíbrio tinha sido assim preservada, porém traduzida em termos hidrostáticos e mecânicos⁵³.

Georges Vigarello, que estudou a história da beleza na França, acredita que a atenção às fibras, à sua tensão, impõe-se sobre o alívio dos humores⁵⁴. O autor utiliza como referência o francês François Boissier de Sauvages, mas o crédito deveria ser dado a outros atores. De acordo com Rafael Mandressi, desde Andreas Vesalius decorreram dois séculos que viram as representações e os modelos do corpo incorporar os traços de uma entidade mecânica⁵⁵. Diversos fatores e atores concorreram para essa mudança, inscrita no princípio que se inicia no século XVI e triunfa no século XVIII, de uma mecanização do mundo⁵⁶. As virtudes dos banhos no tratamento de doenças foram

-
50. Ana Cristina Araújo, "Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches," *Revista de História das Ideias* 5 (1984): 377-394.
 51. Araújo, *A Cultura das Luzes*, Porter and Vigarello, "Corpo, saúde e doenças."
 52. Mira, *História da medicina*.
 53. Roy Porter, "Ciência Médica," in *História da Medicina*, ed. Roy Porter, trans. Geraldo Magela Gomes da Cruz and Sinara Mônica de Oliveira Leite (Revinter, 2008).
 54. Georges Vigarello, *História da beleza*, trans. by Léo Schlafman (Ediouro, 2006).
 55. Rafael Mandressi, "Dissecções e anatomia," in *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, ed. by Georges Vigarello, trans. Lúcia M. E. Orth (Vozes, 2012), 411-440.
 56. Abreu, *Nos domínios do corpo*, Porter and Vigarello, "Corpo, saúde e doenças."

relatadas por Giorgio Baglivi, ponto culminante do programa iatrofísico. Seu *De praxi medica*, de 1696, afirmava que o corpo humano não é nada mais do que um conjunto de movimentos mecânicos⁵⁷.

Em António Nunes Ribeiro Sanches, o domínio dos segredos do corpo não dispensa o julgamento moral, tal como o exercício da medicina não isenta o médico das suas obrigações filantrópicas com a humanidade. Suas obras continham duras críticas ao sistema educacional e à estrutura médica no país e apontavam recomendações para a Coroa reverter a situação que ele considerava inadequada para Portugal. Tende a submeter a sociedade ao poder normalizador da medicina e da educação⁵⁸.

O intercâmbio entre Ribeiro Sanches e os jesuítas de Pequim durou pelo menos dezesseis anos, compreendendo o período entre 1734 e 1750. Policarpo de Sousa informou que a lepra não era tão frequente na China e que a peste nem existia, atribuindo essas ausências à extensão das cidades, à largura das ruas, às casas baixas e à extraordinária limpeza chinesa⁵⁹ — uma observação que teve repercussão no *Tratado da conservação da saúde dos povos*, no qual Sanches defendeu a organização e a limpeza dos espaços urbanos.

Na sua obra, Sanches associa o descobrimento das Índias Orientais e a renovação das ciências e das artes pela destruição do Império grego com a mudança de parte do estilo de vida conservado durante muitos séculos pelos habitantes da Europa. Assim, ele nota os banhos públicos, usados na Europa até quase o século XIV, e o modo antigo de fabricar as casas como um flagelo humano, como ainda se via em Constantinopla, no Cairo e em outros muitos lugares do Império islâmico. Ele também recomendava a construção de latrinas⁶⁰.

Na Península Ibérica, a presença muçulmana, que teve início em 711, permaneceu até 1492 como um poder político e continuou a existir como uma comunidade cultural e religiosa até 1502 em Granada e 1526 em Aragão. Em cada território de Castela, os mudéjares — muçulmanos vivendo sob governo cristão desde o século XIII — foram intimados em 1502 a converterem-se ou abandonarem o reino. Após a conversão, foram chamados de mouriscos

57. Porter and Vigarello, "Corpo, saúde e doenças."

58. Araújo, *A Cultura das Luzes*, Wellington Bernardelli Silva Filho, "Entre as mezinhas lusitanas e plantas brasileiras: iatrorquírica, galenismo e flora medicinal da América portuguesa do século XVIII nas farmacopeias do frei João de Jesus Maria" (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2017), <https://bit.ly/3NPEs7Z>

59. Gomes, "From Portugal to Russia."

60. Sanches, *Tratado da conservação da saúde dos povos*.

— uma classificação destinada a enfatizar a sua prévia condição de mouros, a qual indicava suas crenças islâmicas tradicionais. Os muçulmanos foram destituídos de suas propriedades e da maioria de seus direitos durante a recristianização da Península Ibérica. Em 1567, as decisões que proibiam a língua árabe e os banhos públicos muçulmanos foram implementadas⁶¹.

Segundo Sanches, na Espanha, França e Itália foi proibido o uso dos banhos por autoridade eclesiástica, por piedade cristã ou para destruir a superstição dos sarracenos que habitavam naqueles reinos, porque a santidade da religião cristã não poderia consentir um costume contrário à modéstia e à mortificação. Sanches reconhecia o banho necessário para a conservação da saúde, desde que neles se conservasse a modéstia e a ordem requerida pela religião.

António Ribeiro Sanches lembrava que os soldados da Roma Antiga necessitavam de banho todos os dias, a fim de manterem seus corpos limpos, considerando o suor, a poeira, a vestimenta feita de lã ao invés do linho — algo que era desejável também antes de comerem. Ele sugere que os soldados deveriam pelo menos mandar lavar os pés e as mãos com água e vinagre quando entrassem nos hospitais militares e principalmente naqueles de campanha. Se, em Portugal, os banhos ou as repetidas lavagens seriam úteis para conservar a saúde de um exército, nas colônias portuguesas da América e da África seriam extremamente necessários.

De acordo com o autor, aqueles que habitam nas minas e junto dos rios caudalosos, Amazonas, Tocantins, São Francisco e Paraná, são os que experimentam calores excessivos e com alta umidade. Sanches recomendava que, na América e na África, usassem banho ou estufa úmida, principalmente os escravos dedicados ao trabalho nas minas — os quais representavam a maior parte dos habitantes. Esse seria o mais apropriado remédio contra a podridão dos humores causada pelo calor e umidade do terreno, pelo cansaço e fadiga do trabalho nas minas e pela nudez e pouca comodidade de mudar de linho e de vestido, o que não seria útil somente ao escravo, mas também aos senhores que habitavam aqueles sertões com tantos riscos⁶².

61. Francisco Bethencourt, *Racisms: from the Crusades to the Twentieth Century* (Princeton University Press, 2013), Stuart B. Schwartz, "Conversos e mouriscos," in *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico* ed. Stuart B. Schwartz, trans. Denise Bottman (Companhia das Letras; Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2009), 74-113.

62. Sanches, *Tratado da conservação*.

3.2. Os saberes sobre os banhos em outros livros

Para os médicos gregos antigos, o banho seria apenas uma parte do estilo de vida, além da tríade principal de comida, bebida e exercício, que precisava ser levada em consideração para manter ou restabelecer a boa saúde. O substantivo *diaita*, que surgiu relativamente tarde na língua grega, passou por uma expansão sem precedentes graças aos primeiros textos médicos preservados⁶³. Muito mais tarde, as virtudes dos banhos apareceram em livros que circularam em Portugal e na América portuguesa.

O vocábulo «banho» havia sido registrado por Rafael Bluteau no *Vocabulário português...* como «a água em que uma pessoa se banha, ou o lugar, em que se tomam banhos em uma casa particular»⁶⁴. As virtudes dos banhos foram relatadas pelo médico português Jacob de Castro Sarmento, em sua *Matéria médica...*⁶⁵. De acordo com Maximiano Lemos, seu autor foi «um dos espíritos mais cultos»⁶⁶.

Jacob de Castro Sarmento nasceu na cidade de Bragança. Estudou na Universidade de Évora, onde recebeu o grau de mestre em artes em 1710. Foi para Coimbra estudar medicina, concluindo o curso em 1717, e por poucos anos residiu em Portugal. Em 1721, fixou residência em Londres. Foi admitido no Colégio Real dos Médicos em 1725, na Real Sociedade de Londres em 1730 e foi graduado doutor na Universidade de Aberdeen em 1739. Foi preparador da Água de Inglaterra, cuja composição incluía a quina. O diversificado legado escrito de Jacob de Castro Sarmento foi publicado exclusivamente em prelos londrinos, de um modo geral na língua portuguesa⁶⁷.

A *Matéria médica...* é a sua obra principal, publicada em Londres entre 1731 e 1758. A obra aparece no inventário do Convento da Nossa Senhora

-
63. Jacques Jouanna, *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*, trans. Neil Allies (Brill, 2012).
 64. Rafael Bluteau, *Vocabulario português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V*, vol. 2 (Coimbra; Lisboa Occidental, 1712), <https://bit.ly/3RZGF37>
 65. Jacob de Castro Sarmento, *Materia Medica Physico-Historico-Mechanica, Reyno Mineral* (Londres, 1735), <https://bit.ly/3TGKU4U>
 66. Lemos, *História da medicina*, 74.
 67. Bella Herson, *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)* (Editora da Universidade de São Paulo, 2003), Lemos, *História da medicina*, Marques, "Arte, ciência e história," Mira, *História da medicina*.

do Carmo em Aveiro, avaliado na primeira metade do século XIX⁶⁸. Também fazia parte da livraria do sargento-mor José da Silva Pais⁶⁹.

Influenciada pelas ideias de Herman Boerhaave, é extremamente notável por sua clareza na exposição acompanhada de rigor científico⁷⁰. Traz alguns apontamentos sobre as virtudes dos banhos. É dividida em duas partes: a primeira trata dos medicamentos do reino mineral e a segunda, não tão desenvolvida, dos pertences aos reinos vegetal e animal⁷¹. Para essa pesquisa, recorreu-se à primeira parte. Seguido de um *Índex* e de uma *Dissertação latina sobre a inoculação das bexigas*, seu texto de 538 páginas divide-se em oito capítulos⁷².

De acordo com o capítulo sobre as águas minerais, a água fria tinha a propriedade de contrair todos os sólidos, curando-se a relaxação das fibras. Já a água quente, ou tibia, tinha a virtude de relaxar:

Por esta universal relaxação que produz esta casta de banhos, os poros da cute se abrem de forma que se perspira muito maior quantidade de matéria no tempo do banho que em qualquer outro; e de sorte que se tem observado pessoas corpulentas haverem perdido do seu peso, no tempo de quinze dias com o uso destes banhos, mais de dezasseis arráteis⁷³.

Tissot acreditava na virtude dos banhos frios em qualquer idade. De acordo com *Aviso ao povo sobre a sua saúde*, obra traduzida para o português e que também constará no inventário dos bens móveis do cirurgião-mor Antonio José Vieira de Carvalho:

[...] não é só a infância o único período da vida em que sejam úteis os banhos frios. Tenho usado deles com um sucesso notável em pessoas de toda idade, e ainda em septuagenários. (...) O banho frio restabelece a transpiração, restaura a força dos nervos e por isso dissipa todas as perturbações que estas duas causas

-
68. João Rui Pita and Ana Leonor Pereira, "A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro)," *Ágora: Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012): 227-268, <https://doi.org/10.34624/agora.v0i14.1.9929>
 69. Ana Cristina Araújo, "Livros de uma Vida. Critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular no Século XVIII," *Revista de História das Ideias* 20 (1999): 149-185.
 70. Lemos, *História da medicina*.
 71. Lemos, *História da medicina*, Mira, *História da medicina*.
 72. Sarmento, *Materia Medica*.
 73. Sarmento, *Materia Medica*, 315.

produzem na economia animal. Devem tomar-se antes do jantar. Antes são tão úteis os banhos frios, como pernicioso o uso habitual dos banhos quentes⁷⁴.

O banho frio fortalece também os recém-nascidos. É necessário lavar as crianças poucos dias depois do seu nascimento com água fria. A base da saúde é a regularidade com que se faz a transpiração: «para obter esta regularidade é necessário fortificar a pele, e os lavatórios tépidos a debilitam»⁷⁵. O autor acrescenta que as crianças fracas são as que têm maior necessidade de se lavarem, enquanto as robustas podem ser dispensadas.

A transpiração possibilita a evacuação dos humores. A insistência na transpiração não é novidade, mas sua relação com a limpeza torna-se mais sistemática. A limpeza passa a ser funcional, apoiada por livros de medicina, bem mais do que por manuais de civilidade⁷⁶. O próprio Tissot, em outra obra, relatou os efeitos perniciosos do uso de produtos da maquiagem facial e recomendou a água como o único cosmético seguro⁷⁷.

Em uma das edições em português de *Aviso ao povo sobre a sua saúde* — dividida em dois tomos cujo texto de 315 e 325 páginas consistia de uma *Introdução* seguida de 36 capítulos e um *Índice de remédios* — o tradutor, Manoel Joaquim Henriques de Paiva, declarava a importância e a circulação da obra original:

[...] o Cantão de Zurique, toda a França, os Países Baixos, a Inglaterra, Veneza, Alemanha, e Suécia testemunharam o quanto interessavam nesta obra; pois não só conseguiu ser adotada das mesmas nações, aparecendo nos seus idiomas, mas ainda sendo ilustrada com doulas notas de médicos insignes⁷⁸.

Cabe destacar que Manoel Joaquim Henriques de Paiva foi o responsável pela disseminação de textos de autores estrangeiros como Carl von Linné, Tissot, Buchan, Plenck, Brown. Era irmão mais novo do médico José Henriques Ferreira e filho do boticário António Ribeiro de Paiva, que era irmão de António Nunes Ribeiro Sanches — e com o qual Manoel Joaquim Henriques de Paiva mantinha contato. José Henriques Ferreira trouxe de Portugal o

74. Tissot, *Aviso ao povo sobre a sua saúde*, vol. 2 (Lisboa, 1777), 34-35 [54-55], <https://bit.ly/4aC8Jz>

75. Tissot, *Aviso ao povo*, 31 [51].

76. Georges Vigarello, *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal*, trans. Monica Stahel (Martins Fontes, 1996).

77. Tissot, *Essai sur les maladies des gens du monde* (Lyon, 1771), <https://bit.ly/4jmVirM>

78. Tissot, *Aviso ao povo sobre a sua saúde*, vol. 1 (Lisboa, 1777), [xviii], <https://bit.ly/4g3TDqq>

pai e o seu irmão Manoel Joaquim Henriques de Paiva, com dezessete anos de idade. Em Salvador, a família Paiva abriu uma botica bem equipada que logo se tornou bem conhecida. Quando o marquês de Lavradio transferiu-se para o Rio de Janeiro para assumir o cargo de vice-rei do Estado do Brasil, a família mudou-se também. O jovem Manoel Joaquim Henriques de Paiva submetera-se a exame de boticário em 1770 e posteriormente dirigiu a seção de Farmácia da Academia Fluvienne Médica, Cirúrgica, Botânica, Farmacêutica, inaugurada em 1772 pelo seu irmão⁷⁹.

Alguns apontamentos sobre os banhos dos doentes são fornecidos pela *Postila religiosa...*, a primeira obra escrita em português com ensinamentos para a realização dos cuidados de enfermagem, de autoria do frei Diogo Santiago, religioso da Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Essa destinava-se explicitamente à formação dos noviços do convento de Elvas em Portugal⁸⁰.

Publicado em 1741, o texto de trezentas páginas divide-se em três tratados, com cinco, 59 e sete capítulos, respectivamente, seguidos de um Índice dos lugares da sagrada escritura e um *Índice das cousas mais notáveis deste livro*⁸¹.

Para o frei Diogo Santiago, se um doente precisasse de um banho em todo o corpo, seria necessário um instrumento onde se pudesse cobri-lo todo ou até a parte indicada pelo médico. E ainda “se for de água quente, seja a quentura mui moderada; e sendo de água fria, não seja muito”⁸². Não se devia desamparar o enfermo, estivesse sentado ou deitado, porque se corria o perigo de um desmaio — razão pela qual era conveniente que o banho fosse junto de uma cama. Assim, após o término do banho, o enfermo depois de enxuto poderia ser colocado na cama, mantendo as janelas fechadas, por estarem os poros abertos.

Aqui também é levado em conta o papel funcional do banho. O cuidado com a pele seria a garantia da saúde.

-
79. Santos Filho, *História geral da medicina*, Maria Beatriz Nizza da Silva, *Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis* (Editora Unesp, 2013).
 80. Djalma Vieira Cristo Neto and Irene Fulgêncio, “Postilla religiosa e a arte de enfermeiros: a primeira obra em português para o ensino de enfermagem no século XVIII,” *Revista Mineira de Enfermagem* 14, no. 1 (2010): 119-122, <https://bit.ly/3txkFU3>
 81. Diogo de Santiago, *Postilla religiosa, e arte de enfermeiros, guarnecidia com eruditos conceitos de diversos Authores, facundos, Moraes, e Escriturarios* (Lisboa Occidental, 1741), <https://bit.ly/3RZH8lT>
 82. Santiago, *Postilla religiosa*, 104.

3.3. Práticas de higiene pessoal

Até meados do século XVIII, segundo Jacques Revel, a limpeza dispensava em geral a água e ignorava o corpo, à exceção do rosto e das mãos que são as suas únicas partes expostas. Os cuidados com o corpo concentravam-se no visível, na roupa, especialmente na roupa branca. A água retorna, então, como método de limpeza nas décadas de 1740-1750, tornando-se o sinal de novas distinções sociais⁸³. Para Georges Vigarello, a água é apresentada como instrumento maior das toaletes no fim do século⁸⁴. O banho não seria apenas uma prática funcional⁸⁵, a conservação da saúde parece constituir-se como aspecto indissociável “nas formas de sentir, pensar e dizer o corpo”⁸⁶.

Na França, tratados sobre o banho multiplicavam-se na segunda metade do século XVIII, em um mundo pobre de banheiras e gabinetes de banho⁸⁷. Em Poitiers e em Coutances, 86% dos inventariados não possuíam jarra de água e bacia em 1788⁸⁸. Pentes não são mencionados pelos notários e sabão é raro, enquanto são abundantes os utensílios de lavar a roupa. Se as termas e outros banhos públicos desapareceram das cidades no século XVI, por razões epidemiológicas e por falta de fornecimento suficiente de água, a prática dos banhos de rio jamais cessou, segundo os relatos contidos nos temas de justiça do reino francês⁸⁹.

Em Lisboa, as casas mais amplas dispunham geralmente de um poço de onde se tirava água, e aqueles que moravam em habitações mais apertadas buscavam água nos poucos chafarizes localizados no bairro da Alfama — até a construção do aqueduto das Águas Livres. A falta de latrinas nas casas obrigava a se despejarem os dejetos nas praias dos arredores, quando não eram simplesmente despejados nas ruas à noite⁹⁰.

-
83. Jacques Revel, "Os usos da civilidade," in *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*, ed. Roger Chartier, trans. Hildegard Feist (Companhia de Bolso, 2009), 169-210.
 84. Vigarello, *História da beleza*.
 85. Vigarello, *O limpo e o sujo*.
 86. Bruno Paulo Fernandes Barreiros, "Concepções do Corpo no Portugal do Século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública" (Dissertação, Universidade Nova de Lisboa, 2014), <https://bit.ly/3FhvEx>
 87. Vigarello, *História da beleza*.
 88. Lick (1970), citado em Nicole Pellegrin, "Corpo do comum, usos comuns do corpo," in *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, ed. Georges Vigarello, trans. Lúcia M. E. Orth (Vozes, 2012), 185.
 89. Pellegrin, "Corpo do comum."
 90. Maria Beatriz Nizza da Silva, *D. João V* (Círculo de Leitores, 2006).

Mas, ao longo do século XVIII, à medida que novos hábitos de limpeza disseminavam-se, popularizava-se também o uso de objetos de higiene privada em Portugal. A Real Fábrica de Louça, em Lisboa, fundada em 1767 por Sebastião José de Carvalho e Melo, produziu uma variedade de louças relacionadas com a higiene, sendo mencionadas bacias, bispotes, bidês, gomis, jarros⁹¹.

Bacia era inicialmente o nome genérico de vasos de barro, ou de arame, os quais tinham muitas serventias, como bacia de fazer a barba, bacia de urinar, bacia de lavar os pés⁹². O nome bispote era tomado do inglês, «*piss-pot*», para referir-se ao urinol, ou vaso de barro, com uma asa, para urinar⁹³. O gomil era uma espécie de jarro bojudo, de boca estreita, com asa, e era servido juntamente com um prato para lavar as mãos⁹⁴. Já o bidê relacionava-se com a higiene íntima, exemplo típico de móvel que ocupa os locais privados.

De acordo com o estudo de Alexandre Nobre Pais *et al.*, na década de 1781-1789, houve enorme aumento de manufatura de objetos, principalmente de bacias e bispotes e, na década de 1790-1799, continuou em ascensão a produção de bacias⁹⁵, reforçando a evidência de que as bacias eram os instrumentos de limpeza mais difundidos no final do século XVIII⁹⁶.

Uma bacia comum (nova ou em bom uso) era avaliada em cerca de oitocentos réis, uma bacia feita de prata chegava a sessenta mil-réis ou mais. Em Lisboa, entre 1780 e 1786, os inventários selecionados por Nuno Luís Monteiro Madureira indicaram que apenas sete por cento dos domicílios possuíam recipientes para armazenar grandes reservas de líquidos. Nesse período, as únicas peças que apareciam razoavelmente em todas as escadas sociais eram as bacias de lavar os pés e as de lavar as mãos.

No inventário de Francisco de Saldanha, terceiro cardeal patriarca de Lisboa, além de uma impressionante tina de banhos de folha de flandres, pintada de verde por fora e de amarelo por dentro, foram identificadas duas

91. Alexandre Nobre Pais *et al.*, "Design de equipamento sanitário: do objecto sanitário ao espaço sanitário," *Arte Teoria: Revista do Mestrado em Teorias da Arte*, no. 5 (2004): 13-29. <https://bit.ly/4awfmES>

92. Bluteau, *Vocabulario portuguez*.

93. Rafael Bluteau, *Suplemento ao Vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sahir a' luz, Anno de 1721*, vol. 1 (Lisboa Occidental, 1727), <https://bit.ly/3RZGF37>

94. Rafael Bluteau, *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V*, vol. 4 (Coimbra; Lisboa Occidental, 1713), <https://bit.ly/3RZGF37>

95. Pais *et al.*, "Design de equipamento sanitário."

96. Vigarello, *O limpo e o sujo*.

bacias para as mãos, sete não discriminadas, uma outra para tomar banhos, e ainda duas bacias de prata para a barba. Quanto mais se afastava do universo com maior poder econômico, as bacias para a barba tornavam-se mais raras⁹⁷.

À medida que novos hábitos de higiene disseminavam-se por todas as classes, começavam a popularizar-se os modelos em cerâmica, importados da China via Companhia das Índias⁹⁸. E a movimentação de objetos relacionados à higiene também ocorria no interior da colônia americana⁹⁹.

A narrativa de Américo Vespúcio já relatava o uso dos banhos na América. Como um antigo associado de Cristóvão Colombo, viajou para a América duas vezes: em 1499-1500 com os espanhóis, e em 1501-1502 com os portugueses, e explorou uma longa parte da costa oriental da América do Sul. Sua narrativa, bem como imagens que circularam nos livros dos séculos XVI e XVII, teriam contribuído para uma representação negativa dos nativos americanos. *Mundus Novus*, impresso em 1503, incluiria atributos positivos, entre os quais o hábito de os nativos lavarem-se regularmente em rios — o que teria impressionado o seu autor¹⁰⁰.

A frequência dos banhos dos indígenas, que poderia chegar a três ao dia, permaneceria como uma das contribuições mais significativas para a cultura brasileira, de acordo com a segunda edição de *História geral do Brasil*, escrito por Francisco Adolpho de Varnhagen¹⁰¹.

Sérgio Buarque de Holanda perguntará se no Brasil a *Tunga penetrans* (bicho-de-pé) não teria contribuído para incutir nos povoadores europeus certos hábitos de limpeza corporal, que mal conheciam em seus países de origem. Teófilo Benedito Ottoni, fundador da colônia do Mucuri em Minas Gerais, atribuiria papel decisivo ao parasitismo do bicho-de-pé em trabalhadores alemães, belgas, suíços ou franceses, mas não em chineses:

Debalde se dizia aos colonos que aquela doença se extirpava com tesourinha ou alfinete, e que o grande preservativo era recorrer diariamente ao rio e trazer o corpo limpo de imundícies. Mas eles queriam curar-se do mal dos bichos com unguentos e cataplasmas, e não foi possível convencer a um grande

97. Madureira, "Inventários."

98. Pais et al., "Design de equipamento sanitário."

99. Borrego, "Entre as fazendas da loja."

100. Bethencourt, *Racisms*.

101. Francisco Adolpho de Varnhagen, *História geral do Brasil, antes de sua separação e independencia de Portugal, pelo Visconde de Porto Seguro, natural de Sorocaba*, vol. 1 (Em casa de E. e H. Laemmert, 1877), <https://bit.ly/3TGYoO2>

número de que o hábito brasileiro de lavar ao menos os pés todas as noites é uma necessidade do homem do povo, e não, como pensa o proletário europeu, uma fantasia ou regalo de aristocratas e sibaritas¹⁰².

Para Gilberto Freyre, a vida no Brasil enriqueceu-se com drogas e remédios caseiros, como o óleo de coco para o cabelo das mulheres, e com métodos de higiene, incluindo o banho frequente ou pelo menos diário¹⁰³.

Em Portugal, desde o final do século XVIII havia quem frequentasse banhos de mar, os da Junqueira¹⁰⁴. E, na América portuguesa, o uso do banho na cidade que fora até 1763 capital do governo já era costume em fins do século. Segundo as cartas de Amador Veríssimo de Aletuya, nome usado por Luiz dos Santos Vilhena, eram raros os que não tomavam mais de um banho por dia na cidade de Salvador — hábito observado principalmente entre as mulheres. Também foram relatados banhos em rios de água quente, no entorno da vila de Itapicuru, não por razões terapêuticas, mas por costume¹⁰⁵.

Bernardino Antonio Gomes, em 1799, também relatou o uso geral e cotidiano dos banhos tépidos na capital do Rio de Janeiro, associando-os à debilidade e às doenças da cidade; ele recomendava o banho frio como um dos meios para prevenir-se das «erisipelas»¹⁰⁶.

Ao longo do século XVIII, houve uma mudança gradual de valores e percepção em relação à saúde, passando a ser vista como um princípio positivo alcançável e recuperável com um estilo de vida adequado, higiene pessoal e pública e o apoio da medicina. A saúde das nações passou a ser uma parte integrante da geopolítica europeia, e a educação das massas sobre esses assuntos tornou-se uma prioridade elevada. Essas crenças foram componentes fundamentais da ideologia iluminista, que buscava o progresso humano e a perfectibilidade¹⁰⁷.

102. Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras* (Companhia das Letras, 1994), 103-104.

103. Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (Global, 2003).

104. Madureira, "Inventários: aspectos do consumo."

105. Luiz dos Santos Vilhena and Braz do Amaral, *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas...* (Imprensa official do Estado, 1921).

106. Bernardino Antonio Gomes, "Resposta que deu o Doutor Bernardino Antonio Gomes no Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1, pag. 58," *O Patriota, jornal litterario, politico, mercantil, &c. do Rio de Janeiro*, fev. 1813, 56-63, <https://bit.ly/41KbBb8>

107. Risse, "Medicine in the age of Enlightenment."

4. Considerações finais

Verifica-se que havia de fato uma preocupação com a limpeza corporal em Portugal e na América portuguesa. Saberes sobre a higiene pessoal circularam por meio de livros impressos no século XVIII.

Numa época em que se evidenciam obras sobre a limpeza corporal, o uso do banho já era observado entre os nativos e virou costume entre os habitantes da América portuguesa no fim do século XVIII. Diversos agentes participaram da construção do conhecimento, tornando-se difícil uma filiação a essa ou aquela tradição.

Várias medidas profiláticas agrupadas sob o termo «higiene» foram recomendadas para prevenir a ocorrência de doenças. A contribuição do renomado médico de Leiden, Herman Boerhaave, convidado por D. João V para lecionar em Lisboa, foi consagrada definitivamente com a Reforma da Universidade de Coimbra¹⁰⁸. A esse respeito, os *Estatutos da Universidade de Coimbra do ano de 1772* apresentavam as seguintes informações:

A higiene também é um corolário da fisiologia: porque das causas e efeitos da vida e da saúde resulta o conhecimento dos meios, que se hão de aplicar para a conservação delas. Esta é a parte mais importante da medicina, e que infelizmente tem sido pouco cultivada pelos modernos, esquecidos do exemplo dos antigos, os quais, procurando fazerem-se úteis à humanidade, trabalharam muito em estudar, e ensinar as regras, que se devem guardar para a conservação da saúde¹⁰⁹.

A palavra circulou entre culturas que usavam o alfabeto latino: *hygiene* (inglês), *hygiène* (francês), *igiene* (italiano), *higiene* (espanhol). O termo referia-se ao campo da compreensão humana, teórico e prático, que conservava a saúde do indivíduo e da comunidade. A higiene pessoal constituía um subconjunto importante desse novo corpo de conhecimento¹¹⁰.

Este trabalho permitiu identificar que a mobilidade e a abertura cultural dos autores, a circulação dos livros e dos objetos relacionados à higiene pessoal permitiram assegurar as comunicações e trocas de saberes, o que

108. Lemos, *História da medicina*.

109. *Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de MDCCCLXXII*, vol. 3 (Lisboa, 1773), 79, <https://bit.ly/49A7HUy>

110. Peter Ward, *The clean body: a modern history* (McGill-Queen's University Press, 2019).

possibilitou aprender a limpar o corpo em Portugal e na América portuguesa durante o século XVIII.

Agradecimentos

Agradeço à *Dynamis* e a seus avaliadores anônimos pelas sugestões. ■

Bibliografia

- Abreu, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Editora Fiocruz, 2011.
- Abreu, Márcia. "Quem lia no Brasil colonial?" In *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom, 2001. <http://bit.ly/4ay0NRn>
- Alencastro, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. Companhia das Letras, 2000.
- Araújo, Ana Cristina. *A Cultura das Luzes em Portugal: Temas e Problemas*. Livros Horizonte, 2003. <https://bit.ly/48yeOfW>
- Araújo, Ana Cristina. "Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches." *Revista de História das Ideias* 5 (1984): 377-394.
- Araújo, Ana Cristina. "Livros de uma Vida. Critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular no Século XVIII." *Revista de História das Ideias* 20 (1999): 149-185.
- Barreiros, Bruno Paulo Fernandes. "Concepções do Corpo no Portugal do Século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública." Dissertação, Universidade Nova de Lisboa, 2014. <https://bit.ly/3Fhvfx>
- Bethencourt, Francisco, and Diogo Ramada Curto. "Introdução." In *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*, 1-18. Translated by Miguel Mata. Edições 70, 2020.
- Bethencourt, Francisco. *Racisms: from the Crusades to the Twentieth Century*. Princeton University Press, 2013.
- Birmingham, David. *História concisa de Portugal*. Translated by Daniel M. Miranda. EDIPRO, 2015.
- Bluteau, Rafael. *Suplemento ao Vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sahir a' luz, Anno de 1721*. 2 vols. Lisboa Occidental, 1727-1728. <https://bit.ly/3RZGF37>. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, São Paulo, Brasil.
- Bluteau, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V.* 8 vols. Coimbra; Lisboa Occidental, 1712-1721. <https://bit.ly/3RZGF37>. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, São Paulo, Brasil.

- Borrego, Maria Aparecida de Menezes. "Entre as fazendas da loja e os trastes da casa: os livros de agentes mercantis em São Paulo setecentista." In *O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)*, edited by Leila Mezan Algranti and Ana Paula Torres Megiani. Alameda, 2009.
- Boto, Carlota. "A educação no debate iluminista." In *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa* edited by Carlota Boto. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 21-69.
- Bouza, Fernando. "Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII." Translated by Angela Barreto Xavier. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias* 14 (2002): 105-171.
- Carvalho, Joaquim Martins de. *Apontamentos para a História Contemporânea*. Imprensa da Universidade, 1868.
- Castanheira, Maria Zulmira. "Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 5 (1996): 59-122. <https://bit.ly/47h0982>
- Cavalcanti, Nireu Oliveira. "A livraria do Teixeira e a circulação de livros na cidade do Rio de Janeiro, em 1794." *Acervo* 8, no. 1-2 (1995): 183-194. <https://bit.ly/3GZXPr1>
- Cavalcanti, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Zahar, 2004.
- Cristo Neto, Djalma Vieira, and Irene Fulgêncio. "Postilla religiosa e a arte de enfermeiros: a primeira obra em português para o ensino de enfermagem no século XVIII." *Revista Mineira de Enfermagem* 14, no. 1 (2010): 119-122. <https://bit.ly/3txkFU3>
- Curto, Diogo Ramada. *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*. Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- "Eleição de deputados da província de Minas Geraes em 1821." *Revista do Arquivo Público Mineiro* 10, no. 3 (1905): 692-715, <https://bit.ly/3tsQxU1>
- Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de MDCCCLXXII*. Vol. 3. Lisboa, 1773. <https://bit.ly/49A7HUy>. Universidad Complutense de Madrid. Digitalizado por Google. Licenciado sob CC BY 4.0.
- Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Global, 2003.
- Godinho, Vitorino Magalhães. *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. Edições 70, 2019.
- Golvers, Noël. "The Jesuits in China and the Circulation of Western Books in the Sciences (17th-18th Centuries): The Medical and Pharmaceutical Sections in the SJ Libraries of Peking." *East Asian Science, Technology, and Medicine*, no. 34 (2011): 15-85. <https://bit.ly/48CwUxg>
- Gomes, Bernardino Antonio. "Resposta que deu o Doutor Bernardino Antonio Gomes no Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1. pag. 58." *O Patriota, jornal litterario, politico, mercantil, &c. do Rio de Janeiro*, fev. 1813, <https://bit.ly/41KbBb8>
- Gomes, Maria das Neves. "From Portugal to Russia: The Many Lives of the Eighteenth Century Physician Ribeiro Sanches." Mestrado, Universidade de Lisboa, 2023. <https://bit.ly/4kpcwFX>

- Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Translated by Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- Herson, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)*. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- Holanda, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras, 1994.
- Jouanna, Jacques. *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Translated by Neil Allies. Brill, 2012.
- Leite, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Edições Brotéria; Livros de Portugal, 1953.
- Lemos, Maximiano. *História da medicina em Portugal: doutrinas e instituições*. 2 vols. Lisboa, 1899.
- Lisboa, João Luís, and Tiago C. P. dos Reis Miranda. "A cultura escrita nos espaços privados." In *História da vida privada em Portugal: A Idade Moderna*, edited by Nuno Gonçalo Monteiro. Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.
- Machado, Fernando Augusto. *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches*. Porto, 2001.
- Madureira, Nuno Luís Monteiro. "Inventários: aspectos do consumo e da vida material em Lisboa nos finais do Antigo Regime." Dissertação, Universidade Nova de Lisboa, 1989. <https://bit.ly/3TGg6Y>
- Mandressi, Rafael. "Dissecções e anatomia." In *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, edited by Georges Vigarello. Translated by Lúcia M. E. Orth. Vozes, 2012.
- Marques, Ana Luísa dos Santos. "Arte, ciência e história no livro português do século XVIII." PhD diss., Universidade de Lisboa, 2015. <https://bit.ly/3tq94pS>
- Marques, Ana Luísa. "Trajectos do livro. O seu renascimento no século XVIII." *Arte Teoria: Revista do Mestrado em Teorias da Arte*, no. 5 (2004): 111-125. <https://bit.ly/48ASmTn>
- Meneses, José Newton Coelho. "Saberes úteis para a educação dos povos: livros de agricultura e a circulação de textos técnicos em Minas Gerais." In *História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República, volume 1, Colônia*, edited by Thais Nívia de Lima e Fonseca. Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2019. <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-7078-486-5>
- Mira, M. Ferreira de. *História da medicina portuguesa*. Empresa Nacional de Publicidade, 1947.
- Pais, Alexandre Nobre, Ana Almeida, João Pedro Monteiro, and Maria Helena Souto. "Design de equipamento sanitário: do objecto sanitário ao espaço sanitário." *Arte Teoria: Revista do Mestrado em Teorias da Arte*, no. 5 (2004): 13-29. <https://bit.ly/4awfmES>
- Pellegrin, Nicole. "Corpo do comum, usos comuns do corpo." In *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, edited by Georges Vigarello. Translated by Lúcia M. E. Orth (Vozes, 2012).
- Pereira, Ana Leonor, and Pita, João Rui. "Liturgia higienista no século XIX: pistas para um estudo." *Revista de História das Ideias* 15 (1993): 437-559. <https://bit.ly/45l9m1s>

- Pita, João Rui, and Ana Leonor Pereira. "A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro)." *Ágora: Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012): 227-268. <https://doi.org/10.34624/agora.v0i14.1.9929>
- Porter, Roy, and Georges Vigarello. "Corpo, saúde e doenças." In *História do corpo: Da Renascença às Luzes*, edited by Georges Vigarello. Translated by Lúcia M. E. Orth. Vozes, 2012.
- Porter, Roy. "Ciência Médica." In *História da Medicina*, edited by Roy Porter. Translated by Geraldo Magela Gomes da Cruz and Sinara Mônica de Oliveira Leite. Revinter, 2008.
- Revel, Jacques. "Os usos da civilidade." In *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*, edited by Roger Chartier. Translated by Hildegard Feist. Companhia de Bolso, 2009.
- Risse, Guenter B. "Medicine in the age of Enlightenment." In *Medicine in Society: Historical Essays*, edited by Andrew Wear. Cambridge University Press, 2010. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511599682.006>
- Russell-Wood, A. J. R. "A emigração: fluxos e destinos." In *O Brasil na Balança do Império (1697-1808)*, edited by Francisco Bethencourt and Kirti Chaudhuri. Círculo de Leitores, 1998.
- Russell-Wood, A. J. R. "Governantes e agentes." In *O Brasil na Balança do Império (1697-1808)*, edited by Francisco Bethencourt and Kirti Chaudhuri. Círculo de Leitores, 1998.
- Russell-Wood, A. J. R. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Translated by Vanda Anastácio. Difel, 1998.
- [Sanches, António Ribeiro]. *Tratado da conservação da saúde dos povos: Obra util, e igualmente necessária aos Magistrados, Capitãens Generais, Capitaens de Mar, e Guerra, Prelados, Abbadessas, Medicos, e Pays de Familiars...* Paris, 1756. <https://bit.ly/3S1ZHGN>. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España. Digitizado por Google. Licenciado sob CC BY 4.0.
- Santiago, Diogo de. *Postilla religiosa, e arte de enfermeiros, guarnecidá com eruditos conceitos de diversos Autores, facundos, Moraes, e Escriturarios*. Lisboa Occidental, 1741. <https://bit.ly/3RZH8lT>. Wellcome Collection, London, United Kingdom. Marca de Domínio Público.
- Santos, Boaventura de Sousa. "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade." *Novos Estudos Cebrap*, no. 66 (2023): 23-52. <http://bit.ly/4aHnQt8>
- Santos Filho, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- Saraiva, Antonio José. "L'Inquisition portugaise et les 'nouveaux-chrétiens'." *Annales. Économies, sociétés, civilisations* 22, no. 3 (1967): 586-589. <https://bit.ly/47o0F3P>
- Sarmento, Jacob de Castro. *Materia Medica Physico-Historico-Mechanica, Reyno Mineral*. Londres, 1735. <https://bit.ly/3TGKU4U>. Wellcome Collection, London, United Kingdom. Marca de Domínio Público.

- Schwartz, Stuart B. "Conversos e mouriscos." In *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico* edited by Stuart B. Schwartz. Translated by Denise Bottman. Companhia das Letras; Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2009.
- Silva Filho, Wellington Bernardelli. "Entre as mezinhas lusitanas e plantas brasileiras: iatroquímica, galenismo e flora medicinal da América portuguesa do século XVIII nas farmacopeias do frei João de Jesus Maria." PhD diss., Universidade de Lisboa, 2017. <https://bit.ly/3NPEs7Z>
- Silva, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis*. Editora Unesp, 2013.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da. *D. João V*. Círculo de Leitores, 2006.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da. "História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas." In *Leitura, história e história da leitura*, edited by Márcia Abreu. Mercado de Letras, 2002.
- Singy, Patrick. "The Popularization of Medicine in the Eighteenth Century: Writing, Reading, and Rewriting Samuel Auguste Tissot's *Avis au peuple sur sa santé*." *The Journal of Modern History* 82, no. 4 (2010): 769-800. <https://doi.org/10.1086/656073>
- Stols, Eddy. "Livros, Gravuras e Mapas Flamengos nas Rotas Portuguesas da Primeira Mundialização." In *Um Mundo sobre Papel: Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (Séculos XVI-XVIII)* edited by Werner Thomas, Eddy Stols, Iris Kantor and Júnia Furtado. Translated by Gênesis Andrade. Editora da Universidade de São Paulo; Editora UFMG, 2014.
- Tissot. *Aviso ao povo sobre a sua saúde*. 2 vols. Lisboa, 1777. <https://bit.ly/4g3TDqq> and <https://bit.ly/4aC8JjZ>. Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP, São Paulo, Brasil.
- Tissot. *Essai sur les maladies des gens du monde*. Lyon, 1771. <https://bit.ly/4jmVirM>
- Traversa, Eduardo. "Saberes sobre cosméticos em vernáculo português do século XVIII," *Revista Brasileira de História* 44, no. 96 (2024): e279813. <https://doi.org/10.1590/1806-93472024v44n96-05>
- [Varnhagen, Francisco Adolpho de]. *História geral do Brazil, antes de sua separação e independencia de Portugal, pelo Visconde de Porto Seguro, natural de Sorocaba*. Vol. 1. Em casa de E. e H. Laemmert, 1877. <https://bit.ly/3TGYoO2>
- Veríssimo, Fernanda. *A Impressão nas Missões Jesuítas do Paraguai: Século XVIII*. Editora da Universidade de São Paulo; Publicações Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2022.
- Vigarello, Georges. *História da beleza*. Translated by Léo Schlaufman. Ediouro, 2006.
- Vigarello, Georges. *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal*. Translated by Monica Stahel. Martins Fontes, 1996.
- Vilardaga, José Carlos. "Os brutos também leem: livros e leitores na São Paulo do período filipino (1580-1640)." In *O Brasil na monarquia hispânica (1580-1668): novas interpretações*, edited by Ana Paula Torres Megiani, José Manuel Santos Pérez and Kalina Vanderlei Silva. Humanitas, 2016.

- Vilhena, Luiz dos Santos and Braz do Amaral. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em XX cartas...* Imprensa oficial do Estado, 1921.
- Villalta, Luiz Carlos. "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura." In *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, edited by Laura de Mello e Souza. Companhia de Bolso, 2018.
- Ward, Peter. *The clean body: a modern history*. McGill-Queen's University Press, 2019. ■